

## **IV enanparq**

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

### **EM BUSCA DE UMA AGENDA PARA O ENSINO DE PROJETO EM UM CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO DISCIPLINAR**

SESSÃO TEMÁTICA: A ARQUITETURA COMO CONSTRUÇÃO DA CIDADE  
BRASILEIRA: QUE 'AGENDAS' PARA O ENSINO DE PROJETO?

**Ana Slade**  
Professora Assistente FAU/UFRJ  
[anaslade@gmail.com](mailto:anaslade@gmail.com)

**Adriana Sansão Fontes**  
Professora Adjunta PROURB-FAU/UFRJ  
[adrianasansao@gmail.com](mailto:adrianasansao@gmail.com)

# EM BUSCA DE UMA AGENDA PARA O ENSINO DE PROJETO EM UM CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO DISCIPLINAR

## RESUMO

O Ateliê Integrado I (AI1) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/ UFRJ) foi criado na reforma curricular de 2006 como um dos momentos de síntese do curso de Arquitetura e Urbanismo. Em sua ementa está previsto o projeto de um edifício habitacional, contemplando sua fundamentação conceitual arquitetônica e urbanística e condicionantes sociais, ambientais e técnicos. Há ainda um escopo claro com relação aos modos de proceder que envolvem exercícios para o reconhecimento do local, leituras teóricas, análise de referências arquitetônicas e processo de concepção orientado pelo uso da maquete física e do desenho de maneira simultânea, privilegiando ao longo de todo o processo o pensamento no todo tridimensional.

Tais premissas e procedimentos, sejam os originários ou suas recentes atualizações, são considerados adequados pelos professores de projeto que atuam na disciplina. Entretanto, acreditamos que para a consolidação de uma agenda de ensino, se faz necessária uma fundamentação teórica mais explícita do sistema de valores utilizado para orientar a ação e a reflexão sobre o projeto. Quais aspectos do projeto e quais qualidades arquitetônicas e urbanas devem ser privilegiadas no ensino de projeto na etapa final do segundo ano do curso?

Esse artigo tem como objetivo avançar na conceituação do sistema de valores estruturador da “agenda” do AI1, na crença de que uma exposição mais clara dos conceitos arquitetônicos que estão sendo priorizados possa orientar de forma mais eficaz a escolha criteriosa dos exemplares precedentes e dos textos teóricos através dos quais desejamos ensinar, bem como a formulação de exercícios didáticos coerentes com essa agenda.

**Palavras-chave:** ensino de projeto; arquitetura; arquitetura elementar; cidade contemporânea.

# THE SEARCH FOR AN AGENDA FOR A DESIGN PRACTICE IN A CONTEXT OF DISCIPLINARY INTEGRATION

## ABSTRACT

The Integrated Design Studio (AI1) in the Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Rio de Janeiro (FAU/ UFRJ) was created in the curricular reform of 2006 as one of the moments of synthesis of the Architecture and Urbanism course. The aim of the Studio is the design of a mixed building that integrates free and built spaces, focusing on the relationship between public and private spheres, and involving social, environmental and technical conditionings. There is also a clear proposal concerning the methods of procedure that involves exercises of recognition of the site, theoretical readings, analysis of architectural references and the design process is directed by the simultaneous use of physical models and drawing, emphasizing the three-dimensional whole throughout all the design process.

Such assumptions and procedures, both the original ones or the recent updates, are deemed appropriate by the project professors who work in the Studio. However, we believe that for the consolidation of a teaching agenda it is necessary to build a more explicit theoretical basis of the system of values that is used to guide the actions and reflections on the design. What aspects of the design and what architectural and urban qualities should be privileged in the design teaching in the final step of the second year?

This article aims to advance on the conceptualization of the system of values that guides the AI1, in the belief that a clearer statement of the architectural concepts that are being prioritized could guide more effectively the careful selection of the architectural references and theoretical texts through which we want to teach, as well as the formulation of consistent didactic exercises according to this agenda.

**Key words:** design teaching; architecture; elementary architecture; contemporary city.

# 1. INTRODUÇÃO

O Ateliê Integrado I (AI1) da FAU/UFRJ (4º. período do Curso de Graduação) foi criado na reforma curricular de 2006 como o momento de síntese e de encerramento do ciclo de fundamentação do curso de Arquitetura e Urbanismo. É um ateliê de projeto que reúne sete disciplinas: Projeto de Arquitetura, Projeto Paisagístico, Teoria da Arquitetura, Gráfica Digital, Concepção Estrutural, Saneamento Predial e Processos Construtivos, que estabelecem interfaces e sobreposições ao longo do semestre a fim de integrar os aportes oriundos de diferentes áreas de conhecimento, tendo o projeto como fio condutor (Sansão-Fontes e Slade, 2013, p. 189).

Em sua ementa, que hoje completa 10 anos, está previsto o projeto de um edifício habitacional, contemplando a fundamentação conceitual arquitetônica e urbanística além de condicionantes sociais, ambientais e técnicas. Os professores de projeto que atuam na disciplina estão de acordo com a pertinência do programa habitacional, que seguem praticando conjugado a usos complementares (equipamentos e/ou comércio), de modo a privilegiar a relação entre os espaços públicos e privados.

Há também, atualmente, um escopo claro com relação aos modos de proceder, descritos no caderno de normas da disciplina<sup>1</sup>, que envolvem: a) exercícios para o reconhecimento do local; b) leituras teóricas; c) análise de referências arquitetônicas e; d) processo de concepção orientado pelo uso da maquete física e do desenho de maneira simultânea, privilegiando ao longo de todo o processo o pensamento no todo tridimensional.

O escopo de trabalho inclui os projetos arquitetônico, paisagístico, estrutural e de instalações prediais (hidro sanitárias), alcançando-se um nível preliminar de detalhamento dos aspectos técnicos e construtivos. Na conceituação do AI1 é almejado que os referidos projetos sejam desenvolvidos de forma simultânea e integrada desde o início do processo de concepção, evitando-se que os aspectos paisagísticos, estruturais ou dos sistemas prediais sejam definidos no final do processo do projeto de arquitetura, como muitas vezes ocorre na prática profissional. Mas esse objetivo não é de simples aplicação. Considerando a heterogeneidade de visões e hábitos pessoais dentro desse universo de professores e das diferentes abordagens referentes às distintas áreas de conhecimento, encontramos muitas dificuldades na efetivação da proposta idealizada pelo grupo de professores de projeto. Todas as etapas de projeto também são acompanhadas de leitura e produção de textos dirigidos pela disciplina de Teoria. Os textos de conceituação e fundamentação da

---

<sup>1</sup>

Disponível em [http://fauufrjatelierintegrado1.weebly.com/uploads/1/2/5/9/12591367/caderno\\_ai1\\_2016-1\\_revis%C3%A3o\\_18\\_abril.pdf](http://fauufrjatelierintegrado1.weebly.com/uploads/1/2/5/9/12591367/caderno_ai1_2016-1_revis%C3%A3o_18_abril.pdf)

arquitetura proposta são desenvolvidos com orientação dos professores de Teoria da Arquitetura, a partir de discussões das quais também participam os professores de projeto arquitetônico e paisagístico. Toda a parte de representação gráfica, como croquis, diagramas, desenhos técnicos, maquete digital e comunicação visual das pranchas de apresentação, é orientada pelos professores de Gráfica Digital.

A dinâmica do AI1 é composta por tempos de aula expositiva e horários de ateliê de projeto propriamente dito. Os conteúdos abordados nas aulas expositivas são dirigidos à aplicação no projeto em desenvolvimento. No ateliê, há momentos em que estão presentes somente os professores de projeto de arquitetura ou projeto paisagístico, mas também há horários semanais compartilhados por mais professores. Nessas ocasiões, estudantes e professores de diversas disciplinas se encontram para análise, crítica e discussão conjunta dos projetos em andamento (Sansão-Fontes e Slade, 2013, p. 190).

Com relação aos aspectos do projeto e qualidades arquitetônicas e urbanas que são privilegiadas no ensino de projeto no contexto do AI1, há, entre o grupo de professores de projeto e teoria, algumas convicções que podemos dizer que estão mais claramente explicitadas e fundamentadas teoricamente. Como exemplo, podemos mencionar que há certas qualidades de térreo que são estimuladas para a realização de gradações entre o público e o privado. Há, por outro lado, outras predileções que acreditamos não se efetivarem como convicções e tampouco são tão explicitadas, como, por exemplo, certa predileção por edificações de aspecto austero, ou que se utilizam de um vocabulário arquitetônico que poderia ser chamado “elementar”, em detrimento da imagem icônica do edifício. Acreditamos que tal orientação pode ser justificada dentro de uma maneira de ler a cidade e que deve levar em conta o caráter do edifício residencial em sua inserção em contextos urbanos densos. Desse ponto de vista acreditamos que a arquitetura proposta tem a função de compor o pano de fundo do ambiente urbano e não deve ter destaque no conjunto existente, prescindindo de uma imagem que se expresse pela diferença. Em contrapartida, deve ser dada especial atenção à criação de espaços que favoreçam a experiência humana e o convívio social bem como às soluções técnicas, construtivas e de detalhamento.

Entretanto, o que podemos verificar no resultado dos projetos, ao menos em grande parte, não são arquiteturas “neutras” do ponto de vista da volumetria, materialidade ou do tratamento de fachadas, mas sim com forte tendência a uma arquitetura mais próxima do espetacular.

E então voltamos à pergunta: quais aspectos do projeto e quais qualidades arquitetônicas e urbanas devem ser privilegiadas no ensino de projeto no contexto do AI1? Respondendo à

solicitação dessa sessão temática, nos debruçamos na tarefa de sistematizar as ações e abordagens atualmente praticadas no AI1. Esse processo tem como objetivo avançar na construção de uma agenda, de modo que se possa orientar de forma mais eficaz os métodos e a escolha criteriosa dos exemplares precedentes através dos quais desejamos ensinar, bem como a formulação de exercícios didáticos. Iniciamos essa tarefa com duplo intuito: a) deixar mais explícitos na nossa prática alguns valores consolidados; b) identificar aspectos que se encontram menos definidos, ou insuficientemente fundamentados, de modo que possamos apontar perspectivas para avançar em discussões e pesquisas em um futuro próximo.

## **2. EM BUSCA DE UM SISTEMA DE VALORES**

Após mais de quatro anos compondo a equipe fixa de professores de projeto de arquitetura do Ateliê Integrado I, acreditamos ter consolidado um conjunto de práticas comuns que refletem algumas convicções do grupo acerca das posturas projetuais adequadas às situações da cidade contemporânea - especificamente do Rio de Janeiro - e ao momento de ensino do segundo ano em uma universidade pública. No entanto, apesar de intuitivamente refletidas no cotidiano do ateliê, poucas vezes nos debruçamos na sistematização dessas convicções comuns. Esse esforço permitiria uma formulação mais precisa dos procedimentos didáticos praticados, bem como o aprofundamento das questões que ainda carecem de consolidação (e sobre as quais ainda podemos investir pesquisa, reflexão e discussão) para a definição do que denominamos como sistema de valores. Procederemos a uma discussão organizada por categorias que cremos poderem dar conta dos aspectos físicos fundamentais do projeto de arquitetura e do espaço público de pequena escala.

Antes, porém, é necessário mencionar que a especificidade do programa praticado nesse momento do curso - habitação coletiva - é fator de enorme relevância nas tomadas de decisão sobre os valores e procedimentos correntes. Afinal, estamos tratando do programa de fundo da cidade, aquele que cobre a maior parte do solo urbano e que tende a se ramificar, especializar e complexificar na proporção em que a cidade cresce e se dinamiza. Portanto, em se tratando de habitação coletiva, nos referimos não somente ao edifício multifamiliar, mas também à habitação social, à residência estudantil e, atualmente, à residência para a terceira idade, entre outras especializações possíveis em etapas futuras.

A característica do programa adotado (e suas variações) de “predominar” e, com isso, de “construir a cidade” é, portanto, premissa que se desdobrará no sistema de valores a ser discutido.

Cabe ainda ressaltar que, na medida em que

*habitamos não somente o espaço construído da moradia, mas também a extensão entre o construído e o não construído, o que contempla equipamentos, comércio, serviços, espaço público, espaços estes que interagem e se complementam para a satisfação plena das necessidades e desejos humanos (Sansão-Fontes e Fagerlande, 2015, p.2)*

incorporamos à habitação coletiva um programa complementar coletivo e público que auxilia na acomodação dessa nova parte de cidade ao contexto existente, sempre visando à continuidade desse pano de fundo que a arquitetura residencial representa.

Assim, passamos à discussão sobre quais aspectos ou qualidades são importantes para a conformação desse sistema de valores que comanda o AI1. Algumas categorias nos ajudarão a organizar a exposição, a saber: implantação, volumetria, espacialidade e materialidade. Tais categorias já fazem parte dos exercícios de análise e projeto ao longo do processo do Ateliê, sendo, portanto, representativas de nossa forma coletiva de pensar e atuar, considerando a integração entre as disciplinas e como cada categoria engloba (ou entendemos que deveria englobar) os conhecimentos referentes a cada uma delas, colaborando para a construção de uma prática interdisciplinar.

## 2.1 IMPLANTAÇÃO

Procuramos a cada semestre abordar a problemática dos trechos urbanos densos e consolidados, uma vez que acreditamos ser essa a forma mais rica de se pensar a arquitetura como construção de cidade. A rua e os espaços livres públicos, de maneira geral, têm papel fundamental nesse pensamento processual, já que são eles a liga entre os espaços privados, garantindo sua continuidade.

O exercício de construção simultânea do edificado e do livre, que é a essência do AI1, ganha complexidade com o incentivo dado no aprofundamento da relação entre o público e o privado. Esse é um aspecto que acreditamos que é compartilhado pelos professores, sendo bem contemplado tanto nas abordagens teóricas como nas referências arquitetônicas estudadas, reverberando em soluções projetuais coerentes com os valores ensinados.

Sobre a dualidade público-privado, Hertzberger (1999, p. 12) critica que a oposição extrema entre eles, assim como a oposição entre o coletivo e o individual, é tão sem matizes e falsa como a suposta oposição entre o geral e o específico, o objetivo e o subjetivo. Atentos a essa armadilha, trabalhamos no sentido de explorar as possibilidades de gradação ou diluição, e conseqüente integração entre esses domínios.

Com isso, o térreo (ativo) do edifício ganha relevância, sendo o responsável por garantir a vitalidade e apropriação dos espaços livres a ele relacionados ou adjacentes. Por outro lado, também é dada importância à criação de espaços intermediários de transição, mais um desafio para o projeto dos terraços, que deve ser um mediador entre a permeabilidade e o controle dos acessos. Assim, incentivamos a criação de áreas mais públicas ladeadas por comércio e serviços, mais abertas a atividades e fluxos; áreas mais privadas, protegidas das atividades externas e que desencorajem a penetração do público; e áreas intermediárias entre as duas anteriores (Alexander, 1977, p. 194).

Um último ponto, relacionado à categoria da implantação e alinhado aos anteriores, é o posicionamento crítico do ateliê no que se refere à relação pedestres x carros na cidade contemporânea, especificamente no Rio de Janeiro, na qual os primeiros estão em franca desvantagem. Como a arquitetura pode contribuir para a criação de espaços públicos mais qualificados e de baixa velocidade, buscando priorizar os pedestres em detrimento dos carros? Já diria Gehl (2013, p. 71) que a vida na cidade é uma questão de números e de tempo, e que tráfego mais lento significa cidades mais vivas e humanizadas.

## 2.2 VOLUMETRIA

Para definição do objeto arquitetônico, conduzimos a concepção a partir das relações de diálogo com o ambiente construído, entendendo a volumetria proposta como parte de um conjunto maior que é a quadra, o bairro e a cidade. A volumetria proposta deve conciliar, portanto, dois aspectos fundamentais: a inserção integrada na paisagem urbana e a definição de espaços edificado e livre que abriguem e potencializem as vivências propostas em espaços públicos, privados e em suas gradações.

Dentro dessa abordagem de conjunto e, principalmente, considerando o caráter do edifício residencial dentro desse contexto, tendemos a discordar da validade de se pensar em uma arquitetura espetacular. Concebendo essa arquitetura como parte que complementa, dá continuidade ao ambiente construído em questão, ressaltamos a importância de se reconhecer o contexto em que se está intervindo em seu aspecto físico, mas também nas dinâmicas dos seus usuários para que essa estrutura possa ser traduzida no projeto (Habraken, 2000).

Mantendo-se em certo anonimato a partir do uso de formas simples e economia de meios, a arquitetura “elementar” reivindicada significa a opção por um resultado de uniformidade (e não para a presença imagética) em que a intervenção arquitetônica colabora para dar continuidade à cidade, tendo como prioridade ser suporte para abrigar, qualificar e potencializar a vida que acontece no interior, exterior e nos espaços de transição.

Segundo Aureli (2007), uma arquitetura de natureza semelhante era almejada nos projetos de Aldo Rossi no início da década de 1960, caracterizada pela

*predisposição para uma linguagem formal de nível zero que aspirava ser palco para a vida urbana no lugar da infraestrutura ou da representação icônica. Esses projetos sintetizam a ideia de Rossi de arquitetura como fato urbano (event), interagindo com a complexidade da cidade através da extrema simplicidade e finitude de sua forma. (Aureli, 2007, p. 54, tradução nossa)*

Apesar de encorajarmos a continuidade e elementaridade, os resultados dos projetos nem sempre respondem a essa lógica. A arquitetura espetacular ainda tem espaço, talvez por ser de mais fácil acesso e de alguma forma representar um objeto de desejo para os estudantes, ou talvez pela forma como o aluno construa sua fundamentação, em que a arquitetura icônica pode responder mais claramente à determinada intenção projetual, sendo, nesse sentido, incentivada pelos professores. Esse é um aspecto que merece maior aprofundamento para respondermos com maior precisão a essa questão.

### 2.3 ESPACIALIDADE

A despeito da elementaridade ou “anonimato” manifestado anteriormente, procuramos destacar a complexidade espacial como um importante atributo no exercício do ateliê. Isso significa valorizar, no que diz respeito ao edifício, a diversidade dos espaços internos em detrimento à repetição, e em relação ao processo de concepção, o pensamento no todo tridimensional, evitando-se partir somente da planta baixa, e privilegiando sempre o estudo simultâneo em maquete física e desenho das seções horizontais e verticais.

Hertzberger chama de “articulação” a capacidade de “criar lugares, unidades espaciais cujas dimensões e níveis de demarcação possam torná-las capazes de acomodar o padrão de relações dos que vão usá-las” (1999, p. 193). Articulando espaços, segundo ele, fazemos com que eles ao mesmo tempo se tornem maiores e menores, grandes no sentido de uso potencial, e pequenos para que possam ser convidativos. Assim, trabalhamos no sentido de priorizar as demarcações garantindo as relações espaciais, a continuidade, as conexões visuais, os diferentes pés-direitos e as triangulações internas, dando especial atenção à luz e às relações interior-exterior.

Concernente aos espaços livres públicos, essa complexidade é estimulada nas diferentes delimitações espaciais, desníveis, mudanças de escala, sequência de espaços, entre outras operações de quebra da monotonia e da repetição.

### 2.4 MATERIALIDADE

Finalmente, no que diz respeito à materialidade, estimulamos o reconhecimento das qualidades dos sistemas estruturais e construtivos, e das propriedades dos materiais no intuito de que possam colaborar com os valores anteriormente mencionados.

Através das referências arquitetônicas estudadas, analisamos como é frequente o uso da estrutura independente e suas potencialidades concernentes à permeabilidade do térreo, ou integração dos domínios público e privado, e à liberdade que confere para as fenestraçãoes de fachadas proporcionando variedade e criação de espaços de transição entre interior exterior. Investigamos também como a modulação estrutural pode contribuir para uma racionalidade construtiva, mas também para conferir ordem e ritmo às fachadas dessa arquitetura, observando como dentro do sistema modular não se obtém, necessariamente, repetição. Também incentivamos a observação de como elementos essenciais para a funcionalidade da arquitetura e conforto dos usuários, como painéis, cobogós, brises – que conferem também as desejadas gradações das relações interior-exterior – em suas variações de acordo com insolação, luz, ventilação e variedade de usos internos, podem colaborar na variedade e expressividade da arquitetura proposta. E como a variedade desses elementos – dos transparentes e vazados aos sólidos e opacos - se relaciona com as estratégias da gradação entre o público e o privado, de relações interior-exterior, e, concomitantemente, à composição dessas fachadas urbanas.

Para a definição do tratamento das superfícies, damos novamente ênfase à relação com o contexto, a atenção às relações com o ambiente construído circundante, bem como com o caráter da edificação projetada e com a significação para os usuários.

Procuramos por fim estimular o conhecimento e aplicação de técnicas construtivas e sistemas estruturais com ampla difusão local, sempre atentando para a coerência cultural do projeto. Isso inclui a atenção especial a aspectos como clima, incidência solar, conforto térmico e acústico, e custos, onde elementos como cobertura e proteção solar, aliados ao pensamento modular, têm especial relevância em se tratando da realidade brasileira.

Pautados por esse sistema de valores intuitivamente praticado (e agora sistematizado), procuramos adotar um conjunto de exemplos precedentes que possam fundamentar as discussões e ações dentro do ateliê, servindo, no fundo, como referências arquitetônicas que contemplam aspectos que os estudantes devem atentar. Esses exemplares, que cotidianamente chamamos de “referências”, acompanham os quatro meses de trabalho, sendo acessados em diferentes momentos do processo, sempre e quando os temas pertinentes são levantados. Precisamente, as quatro categorias discutidas anteriormente se referem aos quatro momentos principais nos quais as referências são acessadas pelos

estudantes, momentos em que a prática vai gerar perguntas, e as referências podem apresentar respostas reveladoras.

Segundo Lassance (2012, p. 5), esses elementos referenciais vão assim permitir a construção de um espaço transicional, espécie de espaço de representação do problema escolhido para elaboração do projeto. Daí o motivo pelo qual a escolha dos exemplares deve ser cada vez mais criteriosa, se afastando de um juízo estético ou de uma seleção simplesmente baseada no programa, não obstante a sua importância. O que deve servir de referência são os projetos/edifícios/espços que apresentem atributos que se inscrevam nesse sistema de valores.

De fato, a coleção de referências arquitetônicas praticada está alinhada, em muitos aspectos, com as convicções dos professores, adequando-se a esse sistema de valores. Entretanto, há nesses projetos outros valores que merecem maior questionamento. A predominância de projetos europeus contemporâneos é recorrente e, por estarem inseridos em diferentes contextos, sejam climáticos, tecnológicos, econômicos, sociais ou culturais, nos fazem questionar sobre seu protagonismo na coleção eleita. Em que medida o estudo dessa arquitetura nos serve como referência para a construção da cidade brasileira? Como provocar os alunos a pensarem soluções que de fato atendam às necessidades específicas da nossa realidade e que criem identidade e significado para as pessoas que ali vivem?

O protagonismo das referências estrangeiras é justificado pela dificuldade de se encontrar, em nossa cidade, exemplares arquitetônicos mais recentes que atendam ao sistema de valores praticado. Acabamos optando pela utilização de exemplares em sua maioria europeus, além de alguns paulistas e latino-americanos mais recentes e alguns exemplares modernoscariocas e paulistas.

### **3. PROCEDIMENTOS DE APLICAÇÃO DO SISTEMA DE VALORES**

É importante comentar brevemente sobre a forma como abordamos o sistema de valores através de nossos procedimentos didáticos no dia a dia do ateliê, considerando a integração entre as diferentes disciplinas.

Como mencionado, o trabalho sobre o conjunto de referências é transversal e é através dele que as categorias analíticas e projetuais vão se apresentando uma a uma. O método se baseia no vai e vem sobre as referências, dissecando cada objeto de análise de forma a possibilitar o olhar minucioso sobre os aspectos do edifício/espço livre, isoladamente, apoiado por instrumentos como os modelos físicos, seções esquemáticas e detalhadas.

Em um primeiro momento, de análise do lugar e concepção inicial do edifício e espaços livres, o conjunto de referências é acessado para apoiar o aprendizado no que diz respeito à implantação e volumetria. Os exemplares selecionados são modelados em duas escalas, onde uma delas representa o edifício implantado em seu entorno imediato, e a outra representa o edifício com o detalhamento de suas características volumétricas principais. Uma discussão na forma de seminário auxilia os estudantes na análise dos exemplares, no que diz respeito às relações com os contextos e seus partidos arquitetônicos, ou às estratégias de inserção no lugar; ao sistema de espaço livre e construído; e em como a volumetria eleita responde às demandas do lugar, programa e usuários nos domínios público e privado e suas gradações.

Essa primeira etapa de análise conta com a participação de professores dos eixos de projeto (Arquitetura e Paisagismo), teoria e representação, em um processo complementar no qual, conjuntamente às análises físicas, se estudam os termos teóricos e as estratégias gráficas relativas a um ou outro exemplar de referência. As análises desencadearão nas primeiras propostas projetuais que acontecerão na sequência.

Em um momento posterior, o conjunto de referências servirá brevemente para aprofundamento das questões relativas ao programa adotado, e os estudantes se auxiliam de plantas técnicas e diagramas de zoneamento para compreensão das articulações funcionais dos objetos de estudo, visando à definição dos espaços públicos, coletivos e privados do projeto em andamento. Nesse momento a presença do professor específico do eixo da representação junto à disciplina de projeto garante a integração dos conteúdos desejada nesta etapa.

Após o primeiro mês de trabalhos os estudantes são chamados a visitar o conjunto de referências para uma análise isolada da espacialidade interna. Para tanto, lançamos mão de análises das seções dos exemplares escolhidos de forma a verificar qualidades espaciais relevantes que possam auxiliar na diversificação e complexificação das espacialidades internas dos projetos em desenvolvimento. São levados em consideração aspectos como dimensionamento, delimitação, utilização, materialidade, luminosidade e acessibilidade, categorias essas trabalhadas na disciplina de Teoria da Arquitetura. Nessa etapa integram a discussão, portanto, os professores dos eixos de projeto e teoria, eventualmente complementados pelas contribuições dos professores do eixo da representação.

Finalmente, no terceiro mês de trabalho, o conjunto de referências volta à tona para auxiliar na definição aprimorada da materialidade externa dos edifícios e espaços livres em processo de projeto. A materialidade dos exemplares é compreendida a partir da análise ou elaboração de seções de fachada, de forma a elucidar o sistema estrutural, processos

construtivos, materiais de fechamento, funcionamentos de elementos móveis e revestimentos.

Nas duas etapas acima descritas (espacialidade e materialidade), os professores de projeto buscam caminhos para aprimoramento para que o processo de concepção possa se realizar de maneira mais integrada às disciplinas do eixo da tecnologia (Sistemas Estruturais, Saneamento Predial e Processos Construtivos). O lançamento estrutural é realizado a partir de parâmetros de vãos máximos entre pilares estabelecidos pelos professores de estrutura (de concreto), mas os critérios da concepção estrutural a partir de relações entre estrutura e forma arquitetônica, assim como suas implicações espaciais, são abordados em momentos de ateliê de projeto de arquitetura, sem integração com a disciplina de estrutura. Após a etapa de concepção, os professores de estrutura orientam as necessárias adequações do ponto de vista técnico e instruem para o cálculo do dimensionamento dos elementos estruturais.

Após atravessar os quatro momentos de estudo dos precedentes, o estudante terá se confrontado com todos os aspectos físicos privilegiados pelo grupo de professores atuantes nas disciplinas de projeto do Ateliê Integrado I.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPOSIÇÕES PARA NOSSA “AGENDA”**

Ao reunir e organizar o sistema de valores que rege as práticas didáticas do AI1, levantamos algumas questões que consideramos pertinentes de inclusão em nossa agenda de pesquisa e discussão.

O questionamento do uso abundante das referências arquitetônicas estrangeiras abre algumas pautas de reflexão. Em que medida esses projetos são válidos como referência para nosso contexto específico? Há outras referências ou práticas que poderiam colaborar no reconhecimento e reflexão sobre nossa realidade brasileira e das situações específicas em que estamos projetando?

Identificamos em primeira análise duas ações em que podemos investir pesquisa em busca de fundamentação teórica e metodologia para o projeto (e ensino). A primeira está relacionada ao aprendizado a partir do contexto, ou ambiente construído: investigar formas mais dirigidas de realizar práticas de exploração e reconhecimento do ambiente construído que propiciem provocações passíveis de subsidiar soluções, inclusive construtivas. Como ponto de partida, pretendemos nos aproximar das pesquisas desenvolvidas por J. Habraken (2011) para o reconhecimento da estrutura ordinária do ambiente construído. Os métodos

propostos pelo autor têm o propósito de estimular o aprendizado da observação, para que se reconheçam em seu contexto urbano estratos e tipologias que compõem o que é entendido como um desenho compartilhado, que o arquiteto deve saber desvelar e recriar.

A segunda ação se refere ao resgate da experiência vivenciada da arquitetura (Lassance et al., 2012, p.33). Nesse âmbito, acreditamos que devemos avaliar a pertinência de estudar alguns edifícios cariocas modernos consagrados, os quais seja possível vivenciar. Isso possibilitaria analisar com maior profundidade questões como inserção no contexto, integração entre os domínios público e privado, permeabilidade dos terrenos, além de questões técnicas e construtivas, principalmente concernentes à estrutura independente e à forma como a modulação confere a esses edifícios uma estrutura reguladora capaz de agregar diversidade e identidade local.

No mesmo intuito de promover análises e discussões a partir de vivências de nossa cidade, pretendemos investigar a validade de incorporar estudos de caso que não sejam necessariamente referências que poderíamos chamar de arquitetônicas, mas que se apresentem como espaços atrativos para os usuários, que potencializem atividades cotidianas e que demonstrem “desempenho ao modificar e tirar proveito do seu ambiente” (Kajima et al., 2001 apud Lassance et al., 2012).

Um último ponto que merece ser discutido e fundamentado é a questão da habitação como pano de fundo da cidade e a possibilidade de se privilegiar uma arquitetura elementar.

Acreditamos que ações dessa natureza, que nos aproximem do mundo em que estamos inseridos, colaborem para estabelecermos certos valores que ainda estão frágeis e que possam orientar a concepção de uma arquitetura e um ambiente urbano possíveis e reais, que não sejam apenas a reprodução de uma referência fascinante à distância, mas capazes de se adaptar aos seus contextos específicos, satisfazendo e se integrando às nossas vidas cotidianas.

## **BIBLIOGRAFIA**

Aureli, Pier Vittorio. “The Difficult Whole. Typology and the Singularity of the Urban Event in Aldo Rossi’s Early Theoretical Work. 1953-1964”. In: *Log n. 9*, p. 39-61, 2007.

Alexander, Christopher. *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*. New York: Oxford University Press, 1977.

Gehl, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Habraken, N. J. *The structure of the ordinary: form and control in the built environment*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

Hertzberger, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Kajima, Momoyo et al. *Made in Tokyo. Guide Book*. Tóquio: Kajima, 2001.

Lassance, Guilherme. “Ensinando a problematizar o projeto ou como lidar com a “caixa preta” da concepção arquitetônica”. In: *Anais Seminário Projetar*. Natal, 2003.

Lassance, Guilherme et al. *Rio Metropolitano: Guia para uma arquitetura*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012.

Sansão-Fontes, Adriana; Slade, Ana. “O projeto como síntese. A experiência do Atelier Integrado I - FAU/UFRJ”. In: *Joelho: Revista de Cultura Arquitectônica*, v. 4, p. 95-99, 2013.

Sansão-Fontes, Adriana; Fagerlande, Sergio. “O público, o coletivo e o privado: diálogos contemporâneos”. In: *I Congresso Internacional Espaços Públicos*, 2015, Porto Alegre. Anais do I Congresso Internacional Espaços Públicos. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 1. p. 1-10. Disponível em: [http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/086\\_A.pdf](http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/086_A.pdf). [Acessado em 07 05 2016].